

HANNAH HOWELL

A Vidente

*Não se pode prever uma grande paixão...
e amar é sempre arriscado*





A Vidente

HANNAH HOWELL

Tradução Silvia Rezende

A Vidente



© Hannah Howell/Kensington Books
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa: Copyright © 2011, Texto Editores Ltda.
Título original: If he's wicked
Diretor editorial: Pascoal Soto
Editor: Pedro Almeida
Editora assistente: Marília Chaves
Revisão: Beatriz F. Moreira
Diagramação: S4 Editorial
Capa: Osmane Garcia Filho
Tradução: Sílvia Rezende/Abaeterno

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP-BRASIL)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.

H859 Howell, Hannah, 1950-
A vidente / Hannah Howell ; tradução: Sílvia Rezende. – São
Paulo : Lua de Papel, 2011.
000p.:il.

Tradução de: If he's wicked
ISBN 978-85-63066-39-8

1. Ficção norte-americana. 2. Histórias de amor. 3. Literatura
norte-americana 1. Título.
10-0061 CDD813

2011
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do grupo Leya]
Av. Angélica, 2163 - Conj. 175/178
01227-200 - Santa Cecília - São Paulo - SP
www.leya.com



PRÓLOGO

Inglaterra, outono de 1785

- MALDIÇÃO, TOM, A MULHER ESTÁ MORRENDO!

Tom baixou os olhos para a mulher pálida que repousava imóvel sobre a pequena cama.

— Ela ainda esta respirando.

— Mal e mal.

— Está apenas exausta do trabalho de parto, Jake. -Tom apanhou a criança envolta em faixas que jazia sobre o braço largado da mulher. - Pobre pequeno. Pelo jeito foi estrangulado pelo próprio cordão umbilical. Bem, vamos logo, Jake, troque os bebês.

— Odeio isso, Tom. - Jake depositou gentilmente o recém-nascido, que dormia tranquilamente em seus braços, ao lado da mulher. — Isto não esta certo. Isto não esta certo. A pobre mulher não tem forcas para cuidar da criança. Ele vai acabar morrendo junto dela. Talvez pudéssemos...

— Pare agora mesmo, Jake Potter — Tom irrompeu. — Você esta se esquecendo do que aconteceu com o velho Melvin quando ele tentou dizer não para aquela megera? Você quer que os seus ossos se misturem aos dele naquele fosso? É claro que isto não é certo, mas não temos opção. Nenhuma opção é

melhor deixar o pequenino morrer do que levar uma bronca daquela mulher. Senão, certamente seremos assassinados pela própria mãe dele.

— O lorde cuidaria bem do garoto.

— O lorde não enxerga a verdadeira face daquela mulher, você sabe disso. Agora, vamos cair fora daqui. A megera quer esse bebê que já está morto nos braços dela antes que o lorde retorne o que deve acontecer em breve, pois ele já deve ter recebido há algumas horas, a notícia de que a sua esposa deu a luz. O tolo que fez isso ira se arrepender amargamente, disso tenho certeza -Tom murmurou e balançou a cabeça.

Jake começou seguir Tom para fora do simples casebre quando, de repente, hesitou.

— Já estarei com você num piscar de olhos. Tom. Só vou...

— Só vai o que? Precisamos partir agora mesmo!

— Só quero garantir que eles estão quentes e confortáveis, dar a eles uma chance de lutar, ou não vou conseguir descansar em paz.

— Corra, então, ou logo nós dois iremos descansar ao lado do velho Melvin.

Depois de acender a lareira e cobrir a mulher e a criança com outro cobertor, Jake olhou ao redor para se certificar de que Tom não estava vendo. Apanhou então um maço de papeis de dentro do seu velho casaco e rapidamente colocou-os embaixo das cobertas. Quando olhou para a mulher novamente, eis que levou um susto. Ela estava observando-o.

— O seu bebê terá um local decente para o descanso eterno — sussurrou.

— Odeio ter de fazer isto, certamente odeio, mas tenho esposa e cinco filhos. Sim, e, no fim das contas, sou um covarde. Aquela mulher perversa não hesitaria em me matar caso eu tentasse estragar os seus planos. Se conseguir, esconda bem os documentos. Se o lorde sobreviver às armadilhas da esposa, ele

estará esperando pelo filho e, então, os documentos servirão como provas de que este menino é seu filho. É o máximo que eu e alguns poucos ousamos fazer, sinto não poder ajudar mais. Rezarei por você, moça. Por você e pelo garoto. Sim, e rezarei por mim também, pois tenho certeza de que hoje condenei a minha alma. - Em seguida, deixou o casebre correndo.

Depois de esperar alguns minutos para ter certeza de que os homens já haviam partido, Chloe Wherlocke saiu do vão ao lado da lareira, onde se escondera quando os homens arrombaram a porta, e se ajoelhou ao lado da cama da sua Irma, Laurel. Ela fitou a criança que a irmã segurava. O menino estava vivo. Tocando na bochecha quente e macia do bebê, ela olhou para a irmã enquanto a tristeza formava um nó na sua garganta. Laurel estava morrendo. Ambas sabiam disso. Mesmo assim a irmã sorriu.

— Tudo aconteceu exatamente como você previu Chloe - Laurel disse num sussurro fraco, que não vinha da necessidade de guardar segredo. — A vida surgindo em meio à morte foi o que você disse.

Chloe assentiu, nem um pouco feliz por suas previsões terem se mostrado corretas.

— Sinto muito pela sua criança.

— Não sinta. Logo nos encontraremos.

— Oh, Laurel — Chloe iniciou com a voz embargada pelas lágrimas.

— Não chore por mim. Estou pronta. Na verdade, anseio por me juntar ao meu amor e ao nosso filho. Minha alma esta em prantos por eles.— Laurel ergueu uma mão pálida e tremula e limpou as lágrimas da face de Chloe. — É por isso que ainda vago sobre esta terra, por isso não morri logo depois que o meu querido Henry se foi. Esta criança precisava que estivéssemos aqui, precisava do corpo do meu filho para estar aqui. Eu me recuperei daquela febre mortal porque o destino o solicitou de mim. Meu pequeno Charles Henry terá um enterro distinto. Talvez até receba uma bênção.



— Ele não deveria ser colocado no túmulo errado.

— Isso pouco importa, Chloe. Ele já esta junto do pai, esperando por mim. Agora, lembre-se, você precisa fazer com que pareça que esta criança morreu. Não se esqueça de escrever nossos dois nomes na cruz. Embrulhe cuidadosamente os ossos que recolhemos. Ah, não fique tão aflita, irmã. Em vez de ser jogada em uma pilha de ossos como fazem com tantas outras nos cemitérios de Londres, aquela pobre criança também terá um local decente para descansar em paz. Aqui no interior não somos tão insensíveis com os nossos mortos, não precisamos revolver nossos túmulos para dar lugar a outros. Foi um belo presente que demos aquele bebê, há tanto tempo morto sem identificação.

— Eu sei. Mas apesar de todo o cuidado que tomamos, continuo rezando para que não estejamos erradas.

— Eu sempre soube que estávamos certas, que era o destino e que não poderíamos mudá-lo por nada. Sentirei a sua falta, mas, de verdade, não sofra por mim. Eu estarei feliz.

— Como uma mãe pode ser capaz de fazer isso com o próprio filho? — Chloe tocou delicadamente nos cabelos fartos do bebe.

— Ela não pode dar um herdeiro saudável ao lorde, pode? Isso arruinaria todos os seus planos.

Quando Laurel não respondeu nada ao longo de alguns minutos, Chloe murmurou: — Agora descanse. Não precisa dizer nada.

— Preciso e muito — sussurrou Laurel. — Meu tempo está se esgotando. Assim que eu partir, cuide do enterro, e logo em seguida vá procurar o nosso primo Leopold. Ele estará esperando, pronto para iniciar a parte dele neste jogo. Ele a ajudará a cuidar da criança e do pai dela, e lhe dirá quando será o momento certo para agir contra aquela mulher malvada e o seu amante. — Laurel virou o rosto e beijou a cabeça do bebê. — Esta criança precisa de você. Ele e seu pobre pai, cego de amor. Nós duas sabemos que este menino, um dia,

irá realizar grandes feitos. Sinto-me em paz em saber que os meus sofrimentos não são completamente em vão, que algo de bom resultara de toda a tristeza.

Chloe beijou o rosto gélido da irmã. Chorou ao sentir que a última centelha de vida estava se esvaindo do corpo frágil de Laurel. Deixando de lado a dor que pesava como uma pedra sobre o seu coração, ela preparou Laurel para o sepultamento. O sol mal tinha se erguido para um novo dia quando ela já estava ao lado do túmulo da irmã, a pequena égua robusta carregada com seus poucos pertences, e o bebê confortavelmente preso junto ao seu peito por um cobertor, em uma espécie de tipóia. Uma árvore contorcida pela ação do vento era tudo que marcava o ponto exato do túmulo de Laurel, nos pântanos desolados. Chloe duvidou que a cruz de madeira que ela tinha feito duraria por muito tempo, e as pedras que tinha empilhado sobre o túmulo para deter animais carniceiros logo acabariam se misturando as que salpicavam o terreno pantanoso.

— Eu voltarei. Laurel — Chloe jurou.— Cuidarei para que você e o pequeno Charles Henry tenham um sepultamento digno. E também para que esta pobre criancinha que esta em seus braços tenha um lugar digno ao seu lado. Ela merece tal honra. — Chloe fez uma prece em silêncio pela irmã e em seguida virou as costas, fixando a mente na longa Jornada que tinha adiante.

Iniciada a viagem, poucas horas depois, Chloe teve de fazer uma pausa para atender as necessidades do bebê, ela fitou a estrada sulcada que se estendia além dos imensos pilares de pedra que demarcavam o caminho para Colinsmoor, o lar da criança em seus braços. Ficou tentada a ir até lá para tentar descobrir exatamente o que estava acontecendo. Corriam rumores na vila. No entanto, Chloe sabia que seria tolice, e assim permaneceu onde estava, protegida pelas sombras do bosque, no lado oposto da estrada que a levaria para Londres e para o seu primo Leopold.

Pronta para retomar a viagem, ela ouviu o som de um cavalo se

aproximando em alta velocidade. Dali de onde estava, observou quando um homem saiu da estrada que vinha de Londres e entrou na que conduzia a Colinsmoor e continuou sua corrida apressada. "Que homem elegante", ela refletiu. Alto e esbelto vestido de preto da cabeça aos pés e montado sobre um imenso cavalo preto - era um tipo majestoso. A única cor que se destacava era a dos seus longos cabelos castanho-dourados. Sua trança tinha se desfeito durante a cavalgada desenfreada. O rosto fino e aristocrático estava pálido e a fisionomia, carregada com vincos profundos de preocupação. Ele era o retrato perfeito do marido apaixonado correndo para se juntar a esposa e ao filho bem-vindo. Chloe pensou na dor que em breve o acometeria ao acreditar que o seu filho estava morto e na dor que estava por vir quando descobrisse a horrenda verdade sobre a mulher que amava. Ela se perguntou até onde tudo isso poderia mudar o homem.

Seus olhos baixaram para a criança em seus braços.

— Aquele era o seu pai, rapazinho. Ele parece ser um homem bom. Seu patrimônio se estende até a estrada. Logo você poderá clamar por ambos. Eu juro.

Com uma última olhada na direção de Colinsmoor, Chloe montou no cavalo e pegou a estrada para Londres. Ela lutou contra o estranho desejo de seguir aquele homem e poupá-lo da dor que o esperava. Contudo, ela sabia que seria uma bobagem. O destino determinava que o homem fosse de encontro a sua provação. Até que o lorde enxergasse a verdade, até que enxergasse a verdadeira faceta da sua esposa, Chloe sabia que a sua obrigação, sua única obrigação, era manter a criança viva.

Duas semanas depois ela bateu a porta da elegante casa do seu primo Leopold, em Londres, e não se surpreendeu quando ele mesmo abriu a porta. Ele olhou para o bebê em seus braços.

— Seja bem-vindo, Anthony - ele disse.

— E um belo nome - Chloe murmurou.

— E um dos nomes que ele tem. A notícia sobre a morte foi publicada nos jornais. Chloe suspirou e entrou na casa.

É assim que tudo começa.

Sim, minha criança. É assim que tudo começa.



CAPITULO I

Londres — três anos depois

LUTANDO PARA SE MANTER EM PE, JULIAN ANTHONY CHARLES KENWOOD, O nono Conde de Colinsmoor, saiu do bordel para a noite fria e úmida de Londres. No entanto, lembrar-se de quem ele era não ajudou muito a recuperar o equilíbrio. A sua importância social não endireitou as costas, estabilizou as pernas ou limpou o espesso nevoeiro que tomava conta da sua mente, causado pelo excesso de bebida. Ele rezou para que conseguisse chegar até a carruagem, que estava estacionada a uma distância discreta. Embora fosse fato que estava demasiado bêbado para se divertir com uma das moças da Sra. Button, ele tinha imaginado que conseguiria, pelo menos, caminhar para sua carruagem. Mas já não tinha tanta certeza disso.

Pisando cuidadosamente, um passo de cada vez, ele caminhou na direção da carruagem. Um barulho à direita atraiu a sua atenção, mas, ao se virar para espiar nas sombras, ele sentiu uma dor aguda na lateral do corpo. Às cegas, saiu

de lado, satisfeito ao ouvir um grito de dor e uma blasfêmia. Julian labutava para conseguir sacar a pistola do bolso, quando notou uma sombra imensa avultando na sua direção. Viu então o brilho de uma lamina se aproximando do seu peito e se esquivou para a esquerda. Soltou um grito quando a faca fez um corte profundo no seu ombro direito. Uma pilha de barris podres cheirando a peixe impediu, de uma maneira um tanto dolorosa, que ele caísse para trás.

Justamente quando pensou que seja lá quem estivesse tentando matá-lo de fato poderia obter sucesso, outra sombra surgiu. Era bem menor e pulou da densa escuridão para aterrissar justamente sobre as costas do seu agressor. Julian sentia-se cada vez mais fraco. Finalmente, sacou a pistola do bolso, mas acabou percebendo que não estava conseguindo enxergar com clareza suficiente para atirar contra o homem que o apunhalara. Para completar, a pistola parecia muito pesada para ele segurar. Se era alguém em seu socorro, temeu que tivesse chegado tarde demais.

Chloe segurou firme enquanto o homem que tinha esfaqueado o conde fazia o que podia para tira-la de cima das costas. Ela desferia socos contra a cabeça do sujeito ignorando as inúteis tentativas que ele fazia para segura-la - enquanto ela esperava pela ajuda de Todd e Wynn. No momento em que eles chegaram, ela largou das costas do homem e deixou que os homens grandalhões de Leo assumissem a briga. Cada vez que ouvia o som dos punhos acertando a carne, seu rosto delicado se contorcia.

Quando ouviu algo que soou muito mais dolorido do que os seus socos acertando uma cabeça muito dura, ela correu para o lado do conde.

Ele não se parecia muito com o elegante cavaleiro que ela tinha visto vez ou outra ao longo dos últimos três anos. Não apenas porque as suas roupas elegantes estavam um desastre, mas também porque fedia a bebida barata, mulheres da vida, peixe e sangue. Chloe apanhou a pistola da mão hesitante, colocou-a ao lado, e então, com tiras arrancadas do saiote, ela enfaixou os

ferimentos do conde do melhor jeito que pode. Rezou para que conseguisse estancar o sangramento ate que pudesse levá-lo para a casa de Leo e Gaidar para cuidar adequadamente dos ferimentos.

— Preciso dele vivo — Julian disse sua voz fraca e rouca de dor. — Preciso fazer perguntas.

Olhando para trás, Chloe viu o homem largado no chão, Todd e Wynn pareciam satisfeitos, esfregando os punhos cerrados. — Vocês o mataram?

— Não, moça, só o colocamos para dormir profundamente — respondeu Wynn.

— Ótimo. O lorde quer fazer algumas perguntas.

— Muito bem. Vamos amarrá-lo, então, e levá-lo conosco.

— Minha carruagem... - Julian começou a falar.

— Já se foi, milorde — atalhou Chloe. — O seu cocheiro esta vivo e seguro. — Wynn vai carregar o outro homem – explicou Todd ao se aproximar de Chloe.

— Eu carrego o lorde.

Julian tentou protestar enquanto era erguido do chão e carregado, como uma criança, pelo homem imenso, mas ninguém lhe deu ouvidos. Ele olhava para a pequena figura que os conduzia para fora do beco quando, de repente, percebeu que um dos seus salvadores era uma mulher. "Isto só pode ser uma ilusão causada pelo excesso de bebida", ele pensou.

Quando foi colocado sobre o confortável assento da carruagem, viu o seu cocheiro sentado à frente. A cabeça de Danny estava ensangüentada, mas seu peito subia e descia: uma prova concreta de que ainda estava vivo. A mulher entrou na carruagem e se ajoelhou no chão entre os dois assentos, pousando uma mão sobre ele e a outra sobre Danny para mantê-los firmes quando a carruagem começou se mover.

— Quem é você? — ele perguntou, lutando para se manter consciente e

ao mesmo tempo se perguntando por que se importava.

— Guarde as suas perguntas, por enquanto, milorde — ela respondeu. — E melhor que elas esperem ate que possamos costurar o seu ferimento e que um pouco de toda aquela bebida que o senhor ingeriu nesta noite tenha saído da sua cabeça e da sua barriga.

A sua salvadora obviamente tinha pouco respeito pela sua posição social, Julian pensou quando finalmente se entregou a escuridão que tentava arrastá-lo.

Chloe se sentou na cadeira ao lado da cama e tomou um gole de café enquanto estudava o Conde de Colinsmoor. Ele estava cheirando melhor agora, mas suas feições elegantes mostravam traços da vida desregrada que levou no último ano. Ela tinha ficado desapontada e ate mesmo um pouco desgostosa quando ficou sabendo que ele estava se afundando na bebida e se envolvendo com prostitutas, mas Leopold dissera que os homens tendem a fazer tais coisas quando sofrem uma grande traição de uma mulher. Chloe supôs que se o seu coração tivesse sido dilacerado de modo tão brutal, talvez também pudesse ter feito alguma tolice. Mas se portar como um animal no cio e beber ate cair pareceu excessivo.

Mesmo assim, ela questionou se talvez o conde não tivesse perdido o juízo. Ele quase morrera em outras três ocasiões, e, mesmo assim, continuou fazendo coisas que o deixavam numa posição vulnerável. Será que ele pensou que era simplesmente um homem muito azarado? Esperava que ele soubesse que estava marcado para morrer e que ao menos tivesse alguma idéia de quem tentava matá-lo e por que. Chloe não ansiava por fazer com que o homem atendesse aos seus alertas, mas Leopold sentiu que eles não poderiam mais continuar simplesmente vigiando-o. Estava na hora de agir.

Pelo bem do pequeno Anthony ela aceitou. O garoto via Chloe e Leo como a sua família. Quanto mais tempo essa situação perdurasse, mas difícil seria juntá-lo ao seu verdadeiro pai. Seu coração iria se partir quando a reunião

acontecesse, mas ela estava determinada a cuidar para que Anthony não sofresse. Além disso, o garoto precisava do pai vivo para ajudá-lo a clamar pela sua herança e garantir seus direitos. Entre os gastos crescentes do conde e a ganância da sua mãe, não iria restar muito para Anthony herdar, a menos que o jogo acabasse logo. Era inaceitável para ela: Anthony era um inocente em toda essa história, não merecia sofrer pelas tolices dos pais.

Chloe sorriu para o seu primo Leopold quando ele adentrou a passos lentos no quarto. Leopold não costumava se mover rapidamente, parecia que todos os seus movimentos eram sempre lentos. Esse estilo combinava com seu corpo alto e esguio. Os que não o conheciam bem o consideravam um sujeito amável, porém um inútil, que vivia da riqueza dos seus antepassados. No entanto, às vezes, as aparências enganam. Leopold tinha sido incansável na sua luta pela vigilância dos Kenwood. Juntou uma grande quantidade de informações, conseguiu reunir um imenso grupo de associados que se dedicavam a manter o conde vivo e a buscar provas de quem estava tentando matá-lo. Ele próprio tinha salvado a vida do homem em três ocasiões. A Inglaterra também se beneficiava dos múltiplos talentos de Leopold, pois ele era um dos seus agentes mais dedicados e bem-sucedidos. Às vezes Chloe se perguntava se havia algo sobre os inimigos do conde que fizesse Leopold pensar que eles pudessem representar uma ameaça para a Inglaterra também. Contudo, ela nunca ousou perguntar. Leopold guardava com afincos os segredos dos pais.

— Ele vai sobreviver — Leopold disse depois de examinar cuidadosamente os ferimentos do Lorde Kenwood.

— Mais uma vez. O homem tem mais vidas do que um gato — Chloe falou de modo arrastado.

— Seus inimigos são persistentes. — Leopold sentou-se aos pés da cama, com as costas recostadas contra a madeira ricamente entalhada.

— E muito espertos, também. Sem nossa ajuda, eles já teriam vencido o

jogo há muito tempo, mesmo depois do lorde ter descoberto a terrível verdade sobre sua esposa.

— Ah, mas ele não descobriu toda a verdade.

— Acho que ele desconfia da maior parte. Ele já tinha fortes suspeitas de que aquele bebê morto não era seu. E também de que a sua esposa nunca lhe foi fiel e que nunca se importou muito com ele.

— Como você sabe de tudo isso?

— O melhor amigo dele se tornou meu amigo. Não se preocupe, querida. Eu realmente gosto do sujeito. Nós nos encontramos na primeira vez em que salvei a vida desse pobre beberrão. Pensei que ele pudesse ser útil, mas logo percebi que se tratava de um homem que eu poderia chamar de amigo. E ainda mais importante... que ele era alguém em quem podia confiar.

Chloe assentiu e colocou ao lado a xícara vazia.

— Quanto este tal amigo sabe?

— Quase tudo. Adivinhou sozinho a maior parte. Uma vez que eu já estava inclinado a não mentir para o homem, deixei subentendido que tinha começado a cuidar do caso logo depois do segundo atentado contra a vida do conde. Ele me contou que foi exatamente depois da segunda tentativa de assassinato que Lorde Kenwood começou a acreditar que a esposa o queria morto, que ela havia deixado de se contentar em apenas traí-lo com outro.

— Quem é este amigo?

— É o ilustre Sir Edgar Dramfield.

— Oh, eu o conheço. Nós nos encontramos uma vez na casa de Lady Millicent. Ele é muito gentil com Lady Millicent, muito mais do que a própria filha dela.

— Ele é um bom homem e se preocupa muito com o amigo. Foi por isso que enviei uma carta para ele nesta manhã, informando sobre os ferimentos do Lorde Kenwood e pedindo a ele para guardar segredo. Segredo absoluto. Ele

deve chegar em breve.

— Tem certeza de que fez bem? Lorde Kenwood pode não querer que outros escutem o que temos para lhe contar. — Leopold suspirou.

— Foi uma decisão difícil. Mas o conde não nos conhece, não e mesmo? Por outro lado, ele conhece Edgar há anos, confia nele e se abriu com o homem em varias ocasiões.

— Desconfio que tenha sido depois de entornar vários copos.

— É exatamente nesses momentos que um homem se abre — Leopold falou de modo pachorrento e sorriu ao ver Chloe revirando os olhos. — Achei que o conde pudesse precisar de um amigo, Chloe, e Edgar é o único amigo próximo que ele tem. As verdades que vamos revelar ao lorde são duras e ele precisa acreditar em nós. — Você disse que ele já suspeitava — Chloe iniciou.

— Suspeitas não possuem o mesmo peso, nem exercem o mesmo estrago no coração de alguém. Preencheremos uma serie de vazios onde pairavam apenas suspeitas e ainda vamos lhe dar provas. Ainda há mais um fato frio e duro que teremos de apresentar a ele, um que poderia fazer muitos homens caírem de joelhos. Certamente me afetaria muito mais profundamente do que eu posso imaginar. Podemos precisar da ajuda de Edgar para impedir que esse tolo não saia de arma em punho, convencê-lo a permitir que continuemos o jogo.

— Que jogo?

Chloe e Leopold olharam surpresos para Lorde Kenwood. Não tinha ocorrido nenhum alerta de que ele estava prestes a acordar, nenhum movimento, nem mesmo um leve ruído. Quando ele tentou se sentar, arfou de dor e ficou muito pálido. Rapidamente, Chloe ajustou um travesseiro em suas costas, enquanto Leopold o amparava para que ele pudesse beber um pouco de cidra com ervas para evitar infecções e fortificar o sangue.

— Conheço você — Julian disse depois de respirar fundo algumas vezes, bem devagar, numa tentativa de se esquivar da dor. — Você é Sir Leopold

Wherlocke de Starkley.

— Ele olhou para Chloe. — Mas não a conheço. — Chloe Wherlocke. Sou prima de Leo — Chloe apresentou-se. Definitivamente havia algumas semelhanças entre os dois, Julian concluiu. Chloe também era esbelta, apesar de ser bem mais baixa do que o primo. Julian duvidou que Chloe tivesse mais do que um metro e meio. Ela tinha os cabelos da mesma cor dos do primo, um tom de castanho tão escuro que era quase preto, mas os seus pareciam ser muito lisos enquanto os de Leopold não passavam de cachos e ondas indomáveis. Com seus imensos olhos azuis Chloe era mais engraçadinha do que bela. Julian quase pulou de susto quando, de repente, se lembrou de onde tinha ouvido aquela voz suave antes.

— Você estava lá — ele disse. — Quando eu fui atacado. — Sim, eu estava. — Chloe decidiu que seria melhor não contar para o homem como ela soubera que ele precisava de sua ajuda. Era comum as pessoas terem dificuldades para entender, ou tolerar, as suas premonições. — Eu e os homens de Leo, Todd e Wynn.

Com a mão esquerda Julian tocou nas ataduras ao redor da sua cintura e do ombro.

— Qual a gravidade?

— O senhor vai sobreviver. Os ferimentos foram profundos o suficiente para necessitarem de pontos, mas não são mortais. A área foi bem limpa, o sangramento estancou rapidamente, e o senhor continua sem sinal de febre ou infecção. Além disso, o senhor dormiu tranquilamente por quase dois dias inteiros. O que é bom.

Ele assentiu abatido.

— Eu deveria ir para casa. Meu criado pode cuidar de mim e livrá-los do fardo.

— Isso não seria sensato — aconselhou Leopold. — É a quarta vez que

alguém tenta assassiná-lo, milorde. Desta vez, aqueles que o querem morto quase conseguiram. Na verdade, chegaram muito perto. Acho que o senhor deveria considerar a possibilidade de deixar que eles fiquem pensando que conseguiram. Os rumores sobre o seu triste destino já começaram a se espalhar pelas rodas sociais.

Antes que Julian pudesse perguntar como Sir Leopold sabia que este tinha sido o quarto atentado, ele foi surpreendido com a chegada de Edgar Dramfield. Ele observou seu velho amigo cumprimentar Lorde Leopold de um modo acalorado e se perguntou quando os dois homens tinham se tornado tão íntimos. Mas Julian ficou ainda mais surpreso quando Edgar cumprimentou a Srta. Wherlocke como se também a conhecesse há um bom tempo. Finalmente Edgar se aproximou da cama para estudá-lo.

— Ou aqueles que estavam tentando matá-lo são completamente incapazes ou você é um homem muito sortudo, Julian — disse Edgar.

— Acho que as duas coisas — respondeu Julian. — Você veio para me levar para casa? — Então, percebeu que Edgar olhou para Leopold antes de responder e este acenava negativamente com a cabeça.

— Não — respondeu Edgar.

— O que está acontecendo aqui?

Edgar se sentou na cadeira que Leopold tinha colocado ao lado da cama.

— Decidimos que já está na hora desse jogo mortal terminar, Julian. Você foi atacado quatro vezes. Quatro vezes alguém tentou matá-lo. A sua sorte não pode durar por muito mais. Você realmente quer continuar dando chance para eles conseguirem? Para eles vencerem?

Julian fechou os olhos e sussurrou uma blasfêmia. Estava dolorido, mas se perguntava o que havia naquela bebida que tinham lhe dado, pois a sua dor definitivamente estava bem mais amena do que quando acordara. Mesmo assim, ele não tinha vontade de discutir aquele assunto. Por outro lado, Edgar tinha

razão. Até então ele tivera sorte, mas desta vez, não fosse pelos Wherlocke, estaria morto em um beco úmido do lado de fora de um bordel. Mas o que os Wherlocke tinham a ver com os seus problemas, ele não sabia. Seu olhar se voltou para Edgar novamente.

— Não, eu não quero que eles vençam, seja lá quem sejam — ele respondeu.

— Acho que você sabe exatamente quem está por trás disso tudo, Julian — Edgar disse calmamente, com um olhar gentil.

Sem vontade de dizer o nome, Julian voltou suas atenções para os Wherlocke e franziu a testa.

— O que exatamente vocês têm a ver com isso tudo?

Chloe sentiu uma pontada de simpatia pelo homem. Ela sabia que a dor que pairava naqueles olhos cor de jade não era apenas por causa dos ferimentos. Mesmo que ele tivesse perdido todo o seu amor pela esposa, a traição ainda parecia feri-lo profundamente e ela estava prestes a adicionar mais dor. Quando seu primo retomou o lugar aos pés da cama, ela cruzou as mãos sobre o colo e tentou pensar no que ia dizer e qual seria a melhor maneira de fazê-lo.

— Creio que podemos deixar para mais tarde as explicações de como acabamos nos envolvendo nisso — Leopold respondeu.

— Assim será melhor — Chloe concordou e em seguida lançou um leve sorriso para Julian. — Estamos envolvidos com os seus problemas há algum tempo, milorde. — Edgar assentiu.

— Leopold foi quem o levou para minha casa da última vez que você foi atacado.

— Mas não ficou até que eu pudesse lhe oferecer a minha gratidão pelo socorro prestado?— Julian indagou.

— Não — Leopold respondeu. — O senhor não tinha se ferido tanto quanto desta vez e achei que ainda tínhamos tempo.

— Tempo para que?

— Para conseguir as provas que o senhor vai precisar para por um fim a este jogo mortal. — Leopold soltou uma leve imprecação. — Está na hora de sermos francos, milorde. O senhor sabe quem esta tentando matá-lo. Edgar sabe. Nós sabemos. Posso entender a sua relutância em reconhecer a verdade cruel em voz alta.

— Você pode?

— Oh, sim, certamente. Nossa família sabe muito bem o que é uma traição.

— Certo — Julian disse entre dentes cerrados. — A minha esposa deseja a minha morte.

— A sua esposa e o amante dela.

— Qual deles? — A amargura que escapou pela sua voz foi tão acentuada que Julian quase estremeceu, embaraçado pela demonstração de emoção.

— O único que possivelmente poderia lucrar com a sua morte seria o seu tio, Arthur Kenwood.

Chloe entrelaçou os dedos com força e resistiu ao desejo de tocar em Lorde Julian, de tentar aplacar a ira e a dor que ele sentia. Ela ficou aliviada quando Wynn chegou com chá e comida, incluindo um saudável prato de caldo de carne para o lorde. Era melhor que a dura verdade tivesse um tempo para assentar antes que eles continuassem. Ela começou a alimentar Lorde Julian com o caldo e sentiu um alívio impar ao ver o modo como ele sorriu quase desanimado, para a porção ralinha, uma reação normal à maioria dos pacientes. Edgar e Leopold se moveram para a mesa colocada próxima a lareira para tomar chá, comer um pouco e conversar baixinho, enquanto ela cuidava de Lorde Julian.

— Sobre o que eles estão falando? — Julian perguntou entre uma

colherada e outra do inesperadamente saboroso caldo.

— Suponho que seja sobre o senhor — Chloe respondeu. — Devem estar fazendo planos para mantê-lo vivo e derrubar os seus inimigos.

— O interesse de Edgar posso entender, mas ainda me pergunto o que você e o seu primo tem a ver com isso?

— Que tipo de pessoas seríamos se, ao sabermos que alguém corre perigo, virássemos as costas simplesmente por se tratar de um desconhecido?

— Seriam pessoas normais.

— Ah, mas poucas pessoas consideram os Wherlocke normais. — Depois de lhe dar a última colherada do caldo, Chloe colocou o prato de lado e retomou o seu assento ao lado da cama. — Talvez simplesmente sintamos um dever não permitir que as pessoas se livrem da pequena nobreza de acordo com o humor delas. Ainda bem, pois imagine o caos que seria.

— Basta com o seu atrevimento — disse Leopold enquanto ele e Edgar se juntavam aos dois. — Podemos dar continuidade aos nossos planos, milorde? — ele perguntou para Lorde Julian enquanto mais uma vez se sentava aos pés da cama. — A menos, é claro, que o senhor aprecie um "pegue-me se for capaz", lento e suicida.

— E você me acusa de atrevimento — Chloe murmurou, mas todos a ignoraram.

— Claro que não! Eu não gosto deste jogo — Lorde Julian crispou, e então suspirou. — Mas eu gostaria de poder ignorar a dura verdade que esta diante da minha cara. É ruim o bastante saber que a sua esposa o traiu não uma, mas repetidas vezes. Imaginar que o próprio tio não apenas o traiu, mas que ele e a dita esposa desejam a sua morte e ainda pior. No entanto, nisso sou um completo idiota. Vocês estão certos. Desta vez, eles quase conseguiram. Só não sei ao certo o que pode ser feito quanto a isso. O homem apanhado disse algo de útil?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Vidente 01 a Vidente Hannah Howell" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).